



## ORIENTE MÉDIO EM CONVULSÃO

# Ataques ameaçam reiniciar a guerra

EUA e Irã trocam disparos no Estreito de Ormuz. Comando Central americano garante ter destruído seis navios de Teerã. Trump ameaça varrer o país persa da face da Terra. Emirados Árabes Unidos acusam Teerã de lançar mísseis e drones

» RODRIGO CRAVEIRO

As tensões no Estreito de Ormuz escalaram e colocaram em xeque a trégua anunciada por Donald Trump. Depois de ordenar que as forças dos Estados Unidos escoltem embarcações para fora do canal marítimo bloqueado pelo regime iraniano, o presidente ameaçou “varrer o Irã da face da Terra”, caso ataque navios americanos. O Comando Central dos EUA (Centcom) afirmou ter destruído seis embarcações iranianas e interceptado mísseis e drones que teriam sido lançados por Teerã contra navios da Marinha e barcos comerciais. Também informou que dois navios mercantes com bandeira dos EUA “atravessaram com sucesso o Estreito de Ormuz.” A alegação dos EUA de que afundaram vários navios de guerra do Irã é falsa”, assegurou um comandante militar iraniano citado pela emissora de televisão estatal.

A Marinha do Irã admitiu que fez “disparos de advertência” contra navios americanos que teriam entrado no Estreito de Ormuz — canal estratégico para o comércio mundial, por onde passa um quinto do petróleo mundial. As autoridades iranianas negaram qualquer travessia. Por sua vez, os Emirados Árabes Unidos acusaram o Irã de ter lançado quatro drones, 12 mísseis balísticos e três mísseis de cruzeiro contra seu território.

Em sua rede Truth Social, Trump admitiu que o Irã fez “alguns disparos” contra nações não relacionadas à movimentação de navios (no Estreito de Ormuz), incluindo um cargueiro sul-coreano. O titular da Casa Branca disse que somente o navio asiático sofreu danos. “Talvez seja hora de a Coreia do Sul vir e se unir à missão! Abatem sete pequenas embarcações ou, como eles gostam de chamá-las, lanchas ‘rápidas’. Além do navio sul-coreano, até o momento não houve danos em nenhuma embarcação que tenha atravessado o Estreito.”

Capitão aposentado da Marinha dos EUA e pesquisador do instituto Rand Corporation (em Arlington, Virgínia), Brad Martin lembrou ao **Correio** que ambos os lados deixaram claro que usarão a força para controlar o estreito, tanto para facilitar quanto para impedir a circulação. “O cessar-fogo ainda não foi encerrado, mas é frágil. Um ponto importante é que os navios mercantes podem optar por não transitar pelo estreito, independentemente do que qualquer um dos lados diga sobre o controle”, afirmou. De acordo com Martin, os Estados

Amirhossein Khorgoeei/ISNA/AFP



Embarcações ancoradas no Estreito de Ormuz, perto da cidade de Bandar Abbas, no sul do Irã: Washington decidiu fazer escolta na região

### Palavra de especialista

Arquivo pessoal



## Janela aberta para um acordo

“Parece-me que os Estados Unidos e o Irã poderiam sempre ter controlado as tensões, porque os Estados Unidos não tinham nenhum motivo urgente para atacar o Irã. Os que os EUA tinham era uma oportunidade tática para matar o líder iraniano, apresentada a eles por informações extremamente precisas da inteligência israelense. Washington aproveitou a oportunidade com os ataques em 28 de fevereiro para lançar a guerra.

Não tenho certeza de qual era o objetivo estratégico do ataque; os Estados Unidos têm sido inconsistentes ao anunciar suas metas. Isso pode, na verdade, dar aos Estados

Unidos e ao Irã alguma flexibilidade neste momento para reivindicarem a ‘vitória’ na guerra e, portanto, concordarem com um acordo. Cada um pode ter sua própria narrativa sobre o resultado da guerra. Não importa muito que as narrativas sejam inconsistentes.

Duvido que os Estados Unidos tenham muitos outros motivos para atacar o Irã, exceto a necessidade de retomar o tráfego marítimo; caso contrário, é óbvio que o ataque americano criou um problema em vez de resolvê-lo. O Irã pode alegar ter resistido a um ataque americano e mantido seu regime clerical. Quando o

aiatolá Ruhollah Khomeini teve que encerrar a Guerra Irã-Iraque em 1988, ele falou sobre beber de um cálice envenenado. Desta vez, o Irã provavelmente não precisa mencionar o consumo de veneno. Talvez isso possa simplesmente terminar, se ambos os lados quiserem. Mas talvez não queiram. É difícil saber o que eles querem.”

**EUGENE GHOLZ, especialista em segurança nacional e professor de ciência política da Universidade de Notre Dame (localizada no estado norte-americano de Indiana)**

Unidos têm “considerável capacidade de impedir que o Irã exporte petróleo para gerar receita.” “Teerã mantém a capacidade de tornar o trânsito de qualquer navio mercante arriscado e caro. “Enquanto os expedidores não considerarem o risco aceitável,

o impasse persistirá. Uma escalada pode ocorrer se o Irã atacar embarcações e os EUA responderem, mas, por enquanto, encontrar empresas de transporte marítimo comercial dispostas a correr o risco de um ataque é provavelmente o maior obstáculo.”

Para Eugene Gholz, especialista em segurança nacional e cientista político da Universidade de Notre Dame, a guerra “nunca parou”. “Houve um cessar-fogo temporário e parcial, que se aplicava somente aos bombardeios e a

ataques com mísseis a alvos em terra. Ambos os lados mantiveram o bloqueio durante todo o período, e um bloqueio é um ato de guerra”, disse ao **Correio**. “O Irã ameaçou atacar qualquer navio que passasse pelo estreito sem permissão.

### Eu acho...

Arquivo pessoal



“O Irã não precisa atacar todas as embarcações nem lançar um grande número de minas. A ameaça pode ser suficiente para impedir que os navios mercantes tentem transitar pelo Estreito de Ormuz. Por outro lado, o Irã enfrenta uma situação econômica crítica e, eventualmente, terá que tomar medidas para que o bloqueio dos Estados Unidos seja suspenso.”

Como a maioria das embarcações não tentou passar, o Irã não precisou realizar nenhum ataque desde o começo de abril. Por sua vez, os Estados Unidos ameaçaram atacar qualquer navio que servisse aos portos iranianos e, de fato, tiveram que atacar ou abordar vários navios para impedir seu bloqueio.”

**BRAD MARTIN, capitão aposentado da Marinha dos EUA e pesquisador do instituto Rand Corporation (em Arlington, Virgínia)**

Gholz explicou que os EUA mudaram o status quo, ao anunciarem que “escoltariam” navios através do Estreito de Ormuz. “Não é de surpreender que o Irã tentaria enviar uma mensagem de que não aprovaria tais passagens. É difícil precisar quais foram os ataques reais do Irã, pois recebemos relatos diferentes de diversas fontes. Mas parece que o Irã disparou contra um ou dois navios e também contra alguns alvos terrestres nos Emirados Árabes Unidos. Os Estados Unidos provavelmente responderam a pelo menos alguns desses ataques.”

O estuário da Universidade de Notre Dame advertiu que a nova escaramuça pressiona o cessar-fogo parcial. “As coisas podem voltar a ser como eram na semana passada, ou talvez haja escalada ainda maior. Ou talvez os EUA continuem a guiar os navios para fora do estreito de forma que mostrem que o Irã não pode impedi-los. O último cenário me parece o mais provável, se as forças armadas e as empresas de navegação dos EUA conseguirem manter a calma.”

## COLÔMBIA

# Favorito mostra abertura ao diálogo

O senador de esquerda Iván Cepeda, que lidera as intenções de voto para o primeiro turno da eleição presidencial na Colômbia, no domingo, 31 de maio, consolida a posição de favorito à sucessão do correligionário Gustavo Petro com aceito ao diálogo em duas frentes antagônicas. Pela esquerda, uma proposta do Exército de Libertação Nacional (ELN), principal guerrilha esquerdista remanescente, admite retomar as negociações interrompidas com o atual presidente — ele próprio, um ex-guerrilheiro. À direita, Cepeda aproveitou os comícios do fim de semana para construir pontes com o empresariado, assegurando que “rejeita” a estatização generalizada da economia e conta inclusive com o grande capital para uma política

de “promover o crescimento e reduzir desigualdades.”

A um mês do primeiro turno, o candidato de Petro apareceu em pesquisa do jornal El Tiempo com 38% das preferências, em crescimento paulatino desde que sua candidatura foi confirmada, no ano passado. Ele é seguido pelos direitistas Abelardo de la Espriella (23,9%) e Paloma Valencia (22,8%). Afilhada política do ex-presidente Álvaro Uribe, que por oito anos moveu uma “guerra total” contra os rebeldes de esquerda, ela se perfila como a principal ameaça a Cepeda em um eventual segundo turno.

Atento à perspectiva próxima de troca de comando na Casa de Nariño, o palácio presidencial de Bogotá, o ELN endereçou “ao próximo governo” o que apresentou como sua

“proposta de construir um acordo nacional” para encerrar mais de meio século de conflito armado. Inspirado pela revolução cubana de 1959 e, muito especialmente, pelas ideias de um de seus ícones, o argentino Ernesto Che Guevara, o ELN se somou em 1964 à insurgência das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), ligadas na origem ao Partido Comunista.

O processo de “paz total” lançado por Petro ao tomar posse, em agosto de 2022, estagnou em janeiro de 2025, depois de um ataque do ELN que causou dezenas de mortes entre civis e ex-guerrilheiros das Farc, que depuseram armas em 2016, nos marcos de um acordo com o então presidente, Juan Manuel Santos. Os rebeldes acusam Petro de ter “traído

os compromissos” firmados na trégua, enquanto o presidente denuncia a persistência dos insurgentes na imposição de controle territorial pela violência contra a população, em parceria com o narcotráfico. “Se o ELN decidir desmobilizar conosco as economias ilícitas, os caminhos para a paz serão abertos novamente”, escreveu na rede social X.

### Aceno ao centro

Embalado pelas pesquisas sobre o primeiro turno, mas atento para as dificuldades à frente em um eventual tira-teima com um dos dois rivais da direita, Iván Cepeda se equilibra entre o apoio direto à base eleitoral de Petro e acenos ao centro. No 1º de Maio, em Bogotá, priorizou o

Joaquín Sarmiento/AFP



O candidato da esquerda à presidência, Iván Cepeda: conciliação

chamado aos correligionários para seguir com as reformas sociais iniciadas pelo atual mandatário, primeiro esquerdista a governar o país. No fim de semana, em Cali, terceira maior cidade do país, buscou tranquilizar o empresariado.

“Jamais falei em estatizar a economia”, afirmou. “Isso não está em minhas intervenções nem faz parte das minhas convicções”, reforçou. O candidato da esquerda,

atualmente senador, é filho do também senador Jaime Cepeda, dirigente comunista assassinado por esquerdista da morte da ultradireita em 1994. “Acredito em uma economia social, com participação do setor privado, desde as grandes empresas, passando pelas médias e pequenas, assim como pelo desenvolvimento da economia popular e camponesa”, discursou em Cali.